



Contra-imperialismo apocalíptico: Ap 21,1-8 - estrutura e constituição textual à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica

Apocalyptic counter-imperialism: Rev 21,1-8 - textual structure and constitution in the light of Semitic Biblical Rhetorical Analysis

Waldecir Gonzaga ^[a]

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Filipe Galhardo Sant'Anna ^[b]

Saquarema, RJ, Brasil

^[b] Instituto Piel de Estudos Bíblicos (InsP)

Como citar: GONZAGA, W.; SANT'ANNA, F. G. Contra-imperialismo apocalíptico: Ap 21,1-8 - estrutura e constituição textual à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 15, n. 03, p. xxx-xxx, out./dez. 2023. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.15.003.DS03>

Resumo

Desde os seus primeiros intérpretes, o texto de Apocalipse tem sido alvo de inúmeras controvérsias, muitas delas surgidas por uma má compreensão dos seus aspectos linguísticos, de sua estrutura literária e da composição retórica do livro. É precisamente o que ocorre com um dos textos mais emblemáticos deste *corpus*, o extrato narrativo em Ap 21,1-8. A estrutura deste texto, como a pesquisa demonstrará, emerge de sobreposições e paralelismos concêntricos, que colocam em

^[a] Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, e-mail: waldecir@hotmail.com

^[b] Mestrando em Teologia Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e-mail: filipegalhardosantana@gmail.com

relevo o poder imperialista e a Nova Criação da imagética tipicamente apocalíptica de Ap 21,1-8. Durante muito tempo a metodologia usual para a interpretação das estruturas do Apocalipse foram os manuais de retórica greco-romanos, que logo se demonstraram insuficientes para a análise de textos tão caracteristicamente judaicos como o Apocalipse de João. A falta de um método próprio para análise de textos do mundo semítico, que pudesse dar conta de estruturas retóricas como as do Apocalipse, certamente dificultou ainda mais os pesquisadores. Com o objetivo de fornecer um subsídio teórico para a análise literária e retórica do texto de Ap 21,1-8, então, a presente pesquisa irá fazer uso do método de Análise Retórica Bíblica Semítica, perscrutando fatores semânticos, redacionais e composicionais de Ap 21,1-8.

Palavras-chave: Apocalipse, Análise Retórica Bíblica Semítica, Constituição Textual, Imperialismo.

Abstract

Since its first interpreters, the text of Revelation has been the target of countless controversies, many of them arising from a misunderstanding of its linguistic aspects, its literary structure, and the rhetorical composition of the book. This is precisely what happens with one of the most emblematic texts of this corpus, the narrative extract in Ap 21,1-8. The structure of this text, as the research will demonstrate, emerges from overlapping and concentric parallelisms, which highlight the imperialist power and the New Creation of the typically apocalyptic imagery of Rev 21,1-8. For a long time, the usual methodology for interpreting the structures of the Apocalypse was the Greco-Roman rhetorical manuals, which soon proved insufficient for the analysis of texts as characteristically Jewish as the Apocalypse of John. The lack of a proper method for analyzing texts from the Semitic world, which could account for rhetorical structures such as those of the Apocalypse, certainly made researchers even more difficult. With the aim of providing a theoretical subsidy for the literary and rhetorical analysis of the text of Rev 21,1-8, then, this research will make use of the Semitic Biblical Rhetoric Analysis method, scrutinizing semantic, redactional and compositional factors of Rev 21,1-8.

Keywords: *Apocalypse, Semitic Biblical Rhetoric Analysis, Textual Constitution, Imperialism.*

Introdução

Entre todos os diferentes *corpora* literários do Novo Testamento, poucos foram os que sofreram mais resistência hermenêutica do que o livro de Apocalipse, um dos cinco livros pertencentes ao *corpus* joanino, formando um dos “pentateucos” bíblicos (Gonzaga; Belem, 2022, p. 247-277). Entre os muitos fatores que o distinguem dos demais livros neotestamentários, as questões de gênero, contexto sociopolítico, teologia, emprego do idioma, uso do Antigo Testamento e estrutura são os que mais acentuam sua peculiaridade literária. Além disso, não demora muito para o leitor perceber que as imagens descritas em Apocalipse diferem muito do enredo do restante do Novo Testamento: dragão, monstro marinho, cavalo alado, tigres com chifres, uma grande diversidade de anjos e uma série de outras personagens bastante características, como *Jezabel*, a Meretriz, o Falso Profeta, a Besta, a Babilônia, sete espíritos, taças, turíbulo e incenso, espada, a mulher vestida de Sol, fenômenos cósmicos, astros, minerais etc. (Mazzarolo, 1999, p. 244-250). Todas essas imagens e personagens não são reflexo da criatividade imaginativa do escritor, mas dos elementos do gênero sob o qual ele escreve: a apocalíptica judaica (Collins, 1979, p. 21-49; Aune, 2008, p. 169-172; Berger, 1998, p. 271), que marcou fortemente o período do nascimento do cristianismo, e que proporciona interpretar o presente, através do passado e mirar futuro através do presente (Portier-Young, 2012, p. 513).

Por outro lado, há um enredo sociopolítico muito peculiar ao Apocalipse de João: exílio ideológico (Ap 1,9), homicídio (Ap 2,13), perseguição política (Ap 18,24), autoritarismo imperialista (Ap 17,1-6) e uma série de outros fatores que refletem o ambiente sociopolítico no qual o vidente está inserido (Portier-Young, 2012, p. 513): o conturbado e propagandista final do século I d.C., sob um Império Romano cada vez mais hostil aos judeus e aos cristãos (Beale, 2013, p. 1039-1062; Aune, 2017, p. 1108-1133). Em termos teológicos a complexidade não diminui, o “Filho do homem” com uma foice em sua mão reflete bem a cristologia bastante subversiva do Apocalipse (Bauckham, 1998, p. 329-330), a quantidade de anjos também dá o tom de uma angelologia bem mais acentuada do que o padrão neotestamentário, por fim, a escatologia presente em Apocalipse é notadamente uma de suas marcas mais importantes (Osborne, 2014, p. 13-17). No entanto, em nenhum outro lugar o livro do Apocalipse transparece mais sua peculiaridade do que em sua estrutura: sobreposições, quiasmos e paralelismos parecem eclodir por quase todos os lugares em que a narrativa nos leva (PRINGENT, 2022, p. 307). De modo bastante característico, o texto de Ap 21,1-8 carrega toda essa complexidade de forma ainda mais concentrada: aqui residem todos os pormenores de gênero, contexto, linguagem, teologia e estrutura. As sobreposições de Ap 21,1-8, bem como suas respectivas estruturas concêntricas, parecem surgir a partir de um motivo bastante nítido: afirmar a vida que emana da Nova Criação em contraposição à imposição de poder do Império Romano, em uma mensagem típica da imagética apocalíptica contra-imperialista (Collins, 2010, p. 390-395). Em razão do espaço do formato de um artigo, a presente pesquisa se detém especificamente sobre as características da estrutura e constituição redacional de Ap 21,1-8, e como esses fatores ressaltam seu caráter subversivo.

O texto de Ap 21,1-8 é um dos extratos literários mais conhecidos do Apocalipse. As cenas da Nova Jerusalém descendo do céu (Pohl, 2001, p. 255), a qual comporta a ideia de uma já “realidade celeste” (Vacca, 2023, p. 241-242), de Deus enxugando as lágrimas dos olhos sofridos de seu povo (Vanni, 1997, p. 262; Ladd, 2011, p. 206; Mazzarolo, 1999, p. 170) e, ainda, do emblemático e característico juízo escatológico, sobretudo diante da imagem de um Cristo compassivo (Gonzaga; Belem, 2021, p. 127-143; Gonzaga; Almeida Filho, 2020, p. 285-312; Koester, 2014, p. 785-786), que unge os feridos com amor, à imagem do Samaritano (Lc 10,29-37) (Vacca, 2023, p. 242) e do Filho Pródigo (Lc 15,11-32) (Gonzaga, 2016, p. 92-112), enfim, de um Deus que desce e se faz um Deus-com-seu-povo e “enxuga suas lágrimas” (Ap 21,3-4) (Biguzzi, 2016, p. 354-355). Neste sentido, Ap 21,4 traz o que U. Vanni chama de “superação do mal” (1997, p. 261), por ação de Deus mesmo, quando o “Deus da Aliança, que compartilha a mesma tenda

dos homens, faz sentir os efeitos dessa sua presença imediata” (1997, p. 261). Mas como essas imagens narrativas se relacionam uma com as outras nem sempre é fácil de identificar, e no Apocalipse cada elemento possui uma conexão especial ou uma particular sobreposição em alguma outra parte de seu *corpus* narrativo, uma característica que, quando ignorada, pode desvirtuar toda a interpretação do texto.

Embora geralmente se empregue a Análise Retórica padrão, sob os fundamentos da literatura greco-romana, para a análise do Apocalipse, as nuances caracteristicamente judaicas de sua estrutura exigem uma aplicação metodológica mais consistente e própria do mundo semítico, como o dos textos bíblicos, ainda que escritos em grego, mas por homens provenientes do ambiente judaico. Por esse mesmo motivo, será utilizado nesta pesquisa o método de Análise Retórica Bíblica Semítica, com seus passos e procurando colher os frutos que este proporciona à exegese bíblica,¹ sob o qual é submetido o texto de Ap 21,1-8, tanto em seus aspectos literários de delimitação quanto em seus aspectos críticos de constituição redacional, não ignorando, contudo, suas características linguísticas, contextuais, teológicas e de gênero.

1. Segmentação e tradução de Ap 21,1-8²

A segmentação e a tradução da perícopa bíblica de Ap 21,1-8 revelam a grande e significativa riqueza deste texto, com uma concatenação de suas partes, em vista da construção do todo, que narra a situação da situação da *noiva* que espera se tornar *esposa* (Vanni, 2018, p. 625). O texto está estruturado sobre os dois verbos típicos do esquema *visivo-auditivo* do Apocalipse: o “ὄρω/*ver*”, no v. 1 (“E *vi*, então um novo céu e uma nova terra...”); e o verbo “ἀκούω/*ouvir*”, no v. 3 (“E *ouvi* uma grande voz (vinda) do trono, que dizia...”). A perícopa conta com uma “unidade literária unitária” (Vanni, 1997, p. 254). Tem-se a “visão” e, a partir do verbo “ouvir”, é apresentada uma série de intervenções, com seus personagens, em um movimento harmonioso, da visão para a audição, ou ainda, da parte *visiva* para a *auditiva* do que há *pró-Jerusalém* ao *anti-Jerusalém*.

καὶ εἶδον οὐρανὸν καινὸν καὶ γῆν καινὴν	1a	E vi um novo céu e uma nova terra,
ὁ γὰρ πρῶτος οὐρανὸς καὶ ἡ πρώτη γῆ ἠπῆλθαν	1b	pois o primeiro céu e a primeira terra se passaram
καὶ ἡ θάλασσα οὐκ ἔστιν ἔτι	1c	e o mar não mais existe.
καὶ τὴν πόλιν τὴν ἁγίαν Ἱερουσαλὴμ καινὴν εἶδον καταβαίνουσαν ἕκ τοῦ οὐρανοῦ ἀπὸ τοῦ θεοῦ ²	2a	E a Cidade Santa , uma Nova Jerusalém , vi descendo do céu – de junto de Deus.
ἠτοιμασμένην ὡς νύμφην κεκοσμημένην τῷ ἀνδρὶ αὐτῆς.	2b	Preparada como uma noiva adornada para seu esposo.
καὶ ἤκουσα φωνῆς μεγάλης ἕκ τοῦ θρόνου λεγούσης·	3a	E ouvi uma grande voz (vinda) do Trono, que dizia:
ἰδοὺ ἡ σκηνὴ τοῦ θεοῦ μετὰ τῶν ἀνθρώπων,	3b	Eis a Tenda de Deus no meio dos homens,

¹ Para se conhecer o método da Análise Retórica Bíblica Semítica, sugerimos conferir os textos MEYNET, R.

L'Análise Retórica. Brescia: Queriniana, 1992; MEYNET, R. A análise retórica. Um novo método para compreender a Bíblia. Brotéria 137 (1993), p. 391-408; MEYNET, R. I frutti dell'analisi retorica per l'esegesi biblica. Gregorianum, v.77, n.3 (1996), p. 403-436; MEYNET, R. Trattato di Retorica Biblica. Bologna: EDB, 2008; MEYNET, R. La retorica biblica. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v.24, n. 65 (2020), p. 431-468.

² O texto grego utilizado é o da Nestle-Aland, 28ª edição (2012, p. 783-784), mas também foi levado em consideração os códices Vaticanus (MAIUS, 1857, p. 494-495) e Sinaiticus (TISCHENDORF, 1863 p. 134), bem como os textos subjacentes da LXX (RAHLFS; HANHART (eds.), 2006; SWEET, 1909) e da Bíblia Hebraica (ELLIGER; RUDOLPH (eds.), 1997).

καὶ ἴσκηνώσει μετ' αὐτῶν,	3c	e ele habitará no meio deles,
καὶ αὐτοὶ ἴλαοὶ αὐτοῦ ἔσονται	3d	e eles serão seus povos,
καὶ αὐτὸς ὁ θεὸς ἴμετ' αὐτῶν ἔσται [αὐτῶν θεός],	3e	e o próprio Deus-com-eles , será [Deus deles],
καὶ ἐξαλείψει ἴπᾶν δάκρυον ἴἐκ τῶν ὀφθαλμῶν αὐτῶν,	4a	e enxugará toda lágrima dos olhos deles,
καὶ ὁ θάνατος οὐκ ἔσται ἔτι	4b	e a morte não mais será;
οὔτε πένθος οὔτε κραυγὴ οὔτε πόνος οὐκ ἔσται ἔτι,	4c	nem lamento, nem pranto, nem dor, não haverá mais.
[ὅτι] τὰ πρῶτα ἴἀπῆλθαν.	4d	[Porque] as primeiras coisas passaram.
ἴκαὶ ἴεῖπεν ὁ καθήμενος ἐπὶ τῷ θρόνῳ·	5a	E disse o que está assentado sobre o Trono:
ἴδοὺ ἴκαὶ νᾶ ποιῶ ἴπάντα	5b	Eis que faço nova todas as coisas .
καὶ λέγει ἴ·	5c	E disse:
γράψον,	5d	Escreva!
ὅτι οὔτοι οἱ λόγοι πιστοὶ καὶ ἀληθινοὶ ἴεῖσιν.	5e	Porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.
καὶ ἴεῖπέν μοι·	6a	E disse-me:
Γέγοναν.	6b	Está feito.
ἐγὼ [εἴμι] ἴτὸ ἄλφα καὶ τὸ ὦ, ἴἠ ἀρχὴ καὶ τὸ τέλος.	6c	Eu [sou] o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim .
ἐγὼ τῷ διψῶντι δώσω ἴἐκ ἴτῆς πηγῆς τοῦ ὕδατος τῆς ζωῆς δωρεάν.	6d	Eu darei (água) ao que tem sede, gratuitamente, da fonte da água da vida.
ὁ νικῶν ἴκληρονομήσει ταῦτα	7a	O vencedor herdará estas coisas
καὶ ἔσομαι ἴαὐτῷ θεός	7b	E eu serei, para ele, Deus;
καὶ ἴαὐτὸς ἔσται μοι υἱός.	7c	E ele será, para mim, filho.
τοῖς δὲ δειλοῖς καὶ ἀπίστοις ἴ ἴκαὶ ἐβδελυγμένοις καὶ φονεῦσιν καὶ πόρνοις καὶ φαρμάκοις καὶ εἰδωλολάτραις καὶ πᾶσιν τοῖς ἴψευδέσιν τὸ μέρος αὐτῶν ἐν τῇ λίμνῃ τῇ καιομένῃ πυρὶ καὶ θείῳ,	8a	Mas, aos covardes e infiéis e abomináveis e assassinos e imorais e feiticeiros e idólatras e a todos os falsos, a porção deles está no lago em que queima fogo e enxofre,
ὁ ἔστιν ἴὁ θάνατος ὁ δεύτερος.	8b	o qual é a segunda morte.

Fonte: texto de NA²⁸, tabela e tradução dos autores.

2. A estrutura do *Corpus Literário de Apocalipse*

Em nenhum outro livro do Novo Testamento a questão da estrutura se tornou tão importante e desafiadora à interpretação de seu conteúdo como em Apocalipse. De fato, a história da interpretação de Apocalipse tem sido conturbada desde os primórdios de sua recepção hermenêutica (Weinrich; Oden, 2010, p. 25-35). Embora a questão da má compreensão do gênero tenha sido um fator importante no modo como o Apocalipse foi lido (Collins, 2016, p. 382-388), isso muito se relaciona com a não-linearidade de sua estrutura (Nogueira, 2020, p. 650). A forma como as cenas do texto se desenvolvem não parece demonstrar qualquer tipo de continuidade linear e lógica, sendo a questão da sua estrutura um fator preponderante para o entendimento de seu conteúdo.

2.1. A macroestrutura concêntrica do livro de Apocalipse

Uma abordagem com ênfase em uma interpretação futurista, tende a enxergar a estrutura do livro de forma linear e cronológica. No entanto, esse tipo de estrutura mais cronológica e futurista tende a forçar as discrepâncias na ordem dos eventos a partir de uma harmonização e teologia já pressupostas. A partir do método da Análise Retórica Bíblica Semítica, a presente pesquisa se deterá sobre as evidências literárias antes de considerar qualquer aspecto teológico (Meynet, 1998, p. 297-349). Entre muitas propostas de estruturar o livro (Adriano Filho, 1999, p. 7-29; Bauckham, 1998, p. 1-37; Beale, 2013, p. 142-144; Collins, 2001, p. 19-43; Fiorenza, 1998, p. 175-176), a estrutura concêntrica proposta por Nils Wilhelm Lund se destaca pela coerência em identificar tanto o sistema maior do arcabouço literário do livro, como os paralelismos internos presentes nas subunidades textuais (1955, p. 34-250). No entanto, uma nova abordagem da estrutura se faz necessária, tendo em vista as contribuições da Análise Retórica Bíblica Semítica (Meynet, 2016, 386 p.; Meynet, 2012, 463 p.; Gonzaga *et alii*, 2022, 381 p.; Gonzaga *et alii*, 2023, 288 p.), sustentada por uma proximidade maior com a metodologia histórico-crítica e com o texto grego de Apocalipse. A partir dessa conjugação transdisciplinar de métodos é que se pretende demonstrar o amplo e complexo sistema literário e linguístico sobre o qual o texto de Apocalipse está estruturado.

A. Prólogo – João e a vinda do Senhor: Ap 1,1-20;

B. Sete epístolas (três, um e três) – A Igreja e o mundo: Ap 2,1-3,22;

C. Sete selos: Ap 4,1-8,1;

D. Sete trombetas: Ap 8,2-11,19; (é isso mesmo que está na obra de Lund, depois se desdobram pontos; faz-se a mesma coisa nas letras C' e D'abaixo)

E. A Igreja testemunha no império romano: Ap 10,1-11

F. O testemunho da Igreja e a perseguição ao judaísmo: Ap 11,1-13;

F'. A perseguição e o testemunho da igreja no judaísmo: Ap 12,1-17

E'. A perseguição oficial da Igreja pelo império romano: Ap 13,1-18

C'. Sete anjos: Ap 14,1-15,4;

D'. Sete taças: Ap 15,1; 5-8; 16,1-21

B'. Sete anjos não numerados: Ap 17,1-22,5;

A'. Epílogo: Ap 22,6-21.³

³ Lund (1955, p. 34-35) propõe um conjunto de estruturas absolutamente relacionadas, que formam, respectivamente, uma série de sobreposições quiásticas que perpassam todo o *corpus* de Apocalipse. Embora o trabalho de Lund seja muitas vezes limitado em seu escopo retórico e linguístico, as evidências da maior parte de seus argumentos, por outro lado, ainda persistem ao desenvolvimento acadêmico das últimas décadas.

Interessante notar que estruturas quiásticas desse tipo não são um convite à criatividade hermenêutica, como já havia notado Richard Bauckham, estruturas literárias com paralelismos, contrastes e sobreposições precisam ser indicadas por marcadores linguísticos claros (1998, p. 3), e um dos grandes méritos da estrutura proposta acima é perseguir os marcadores onde quer que eles levem, sem forçar as discrepâncias com o propósito de harmonizar os textos. Apesar dos traços linguísticos em toda a macroestrutura, é possível perceber que: (1) a posição C não corresponde ao equivalente quiástico natural, de modo que C' teve que ser deslocado, como se pode perceber na estrutura; (2) o texto sobre o qual a presente pesquisa se deterá, Ap 21,1-8, também não encontra correspondência na ordem natural do quiasmo, e sua posição atual é questionável, o que exigirá um esforço de constituição redacional mais amplo.

2.2. Constituição, delimitação e análise de Ap 21,1-8 à luz da macroestrutura

A história de canonização do livro de Apocalipse foi extremamente conturbada por diversos motivos, o que tornou o processo de sua recepção um dos mais prolongados do Novo Testamento (GONZAGA, 2021, p. 693-696), contando com reservas especialmente por parte das Igrejas do Oriente. É provável que esse prolongamento do processo de recepção tenha contribuído para os diversos problemas textuais nos principais códices e manuscritos que o testemunham (Beale, 2013, p. 98-99), o que também influi sobre o problema da constituição de diversos dos seus textos.⁴

2.2.1. A unidade interna de Ap 21,1-8

Não há muitas dúvidas a respeito da unidade literária interna de Ap 21,1-8. Embora os problemas de crítica textual sejam muitos e de diferentes ordens (Metzger, 1994, p. 689-690), a unidade literária não se vê ameaçada (Osborne, 2014, p. 813-814). Tanto a estrutura interna do texto apresenta uma bem definida coesão literária a respeito do tema, quanto a distinção em relação ao texto que lhe precede (Ap 20,11-15) e ao que lhe sucede (Ap 21,9-27) está claramente bem definida. O verbo “εἶδον/vi”, que aparece em Ap 21,1, um indicativo aoristo, primeira pessoa do singular de ὁράω, é comumente usado como marcador de introdução das visões de Apocalipse (Ap 1,17; 4,1; 5,1; 6,2; 7,1; 8,2 etc.), de modo que fica claro que há uma visão sendo iniciada. Além disso, não há nenhum sinal de continuidade literária com os temas de juízo desenvolvidos em Ap 20,11-15. De fato, inclusive, há uma brusca ruptura desses temas.

Também o fim do texto, no v.8, está bem claro, delimitando bem o seu término, de modo que a partir do v.9 tem-se a aparição de “um dos sete anjos” (“καὶ ἦλθεν εἷς ἐκ τῶν ἑπτὰ ἀγγέλων/E veio um dos sete anjos”), que também funciona como marcador literário de uma nova unidade textual (como em Ap 17,1), introduzindo um tema que não só parece destoar do ponto de vista literário, como também apresenta elementos que deveriam ser vistos como anteriores ao texto da perícopos de Ap 21,1-8.

Analisando o texto em sua completa constituição, percebe-se também que o tema da “ὁ θάνατος ὁ δεύτερος/segunda morte”, em Ap 21,8, forma um par contrastivo com “οὐρανὸν καινὸν καὶ γῆν καινὴν/um novo céu e uma nova terra” e “Ἱερουσαλὴμ καινὴν/uma Nova Jerusalém”, de Ap 21,1-2, indicando um “mundo novo” (Pohl, 2001, p. 252-253; Corsini, 1984, p. 371), um “mundo justo”, tendo sido “liberado

⁴ Para Catchpole (1997, p. 168-170), a crítica constitucional se dá especialmente a partir da relação entre, eventualmente, um redator final e suas possíveis fontes. Essa relação se manifesta nos termos de uma atividade editorial, seja no próprio conteúdo das fontes, quanto no arranjo delas. Lima (2014, p. 94-98) trabalha principalmente com a observação de continuidade e/ou descontinuidade em relação ao tema, gênero, vocabulário e estilo em um mesmo texto, caso haja uma ruptura brusca desses elementos, então temos um problema de “intervenção redacional.

por Deus” (Fiorenza, 1997, p. 151), em contraste com a idealização do mundo antigo, isto é, a morte. A experiência auditiva do vidente em Ap 21,3-7 também reforça a unidade interna, se colocando justamente ao centro do texto, assinalando uma coerência retórica muito bem construída, o que também contribui para se identificar em 21,1-8 uma bem delimitada unidade literária (Meynet, 2016, p. 324).

3. Crítica da constituição do texto

Embora o texto de Ap 21,1-8 apresente um alto grau de coerência literária, do ponto de vista de sua unidade interna, é preciso perceber também se estamos ou não diante de uma unidade redacional (Lima, 2014, 85-106). Na própria delimitação interna do texto já se demonstrou um estranhamento redacional a partir de alguns fatores narrativos, o que demanda uma análise mais específica sobre o tema, sobretudo acerca de sua relação redacional com o seu contexto próximo (anterior e posterior) e sua relação literária com o todo do livro (Meynet, 2016, p. 317-324).

3.1. Reconstituição redacional de Ap 21,1-8

Em relação ao contexto próximo anterior (Ap 20,7-15), o texto de Ap 21,1-8 apresenta uma brusca virada narrativa, o que por si só não seria tão disruptivo, tendo em vista as muitas viradas presentes num livro marcado por paralelismos sobrepostos. Mas o texto do conflito e do julgamento escatológico (Ap 20,7-15) não parece ter sido construído para antecipar Ap 21,1-8, e pelo menos dois elementos narrativos nos indicam isso: (1) a expressão “τὴν πόλιν τὴν ἠγαπημένην/a cidade amada” aparece em Ap 20,9 de forma genérica, como se o sentido já estivesse pressuposto, mas o tema da “τὴν πόλιν τὴν ἁγίαν Ἱερουσαλὴμ καὶ νῆν/a cidade santa, uma nova Jerusalém” só é introduzido em Ap 21,2, e ambas as expressões apresentam relação semântica sinonímica (Meynet, 2016, p. 184); (2) algo bastante similar ocorre com a expressão “τὴν λίμνην τοῦ πυρὸς καὶ θείου/o lago de fogo e enxofre”, que embora apareça em Ap 20,10 com o sentido do que venha a ser já pressuposto, mas que claramente é introduzido em Ap 21,8, ao passo que, sob a análise lexical, os dois textos se referem a uma mesma expressão, um importante recurso retórico (Meynet, 2016, p. 183). Do contrário, a construção “ἐν τῇ λίμνῃ τῇ καιομένῃ πυρὶ καὶ θείῳ, ὃ ἐστὶν ὁ θάνατος ὁ δεῦτερος/no lago ardente de fogo e enxofre, o qual é a segunda morte” (Ap 21,8) não precisaria do elemento explicativo “ὃ ἐστὶν/o qual é ...”, (Ap 21,8b), como está claro em Ap 20,10.

Em relação ao contexto próximo posterior (Ap 21,9-27), o texto de Ap 21,1-8 desempenha um papel um tanto quanto ambíguo do ponto de vista redacional. Pode-se ver que os temas estão próximos, e que ambos os textos estão tratando da “τὴν πόλιν τὴν ἁγίαν Ἱερουσαλὴμ/cidade santa, Jerusalém” (Ap 21,2; 21,10), o que se pode explicar como uma possível harmonização de um escriba posterior. No entanto, como em relação ao contexto próximo anterior, também aqui dois elementos discrepantes nos chamam a atenção: (1) um dos marcadores das visões do Apocalipse são os anjos introdutórios, cujas aparições antecedem às visões celestiais (como em Ap 7,1-2; 8,2; 9,1; 10,1; 15,1; 17,1-3; 18,1; 20,1-4), mas em Ap 21,1-8 não há um anjo introdutório para a visão da “Nova Jerusalém”, em vez disso, inusitadamente, o anjo introdutório aparece após a visão. Sua ausência em Ap 21,1-2 está fora do paradigma narrativo do livro, e sua presença posterior à visão é estranha em diversos aspectos; (2) o texto de Ap 21,1-8 mostra o vidente visualizando o “novo céu e nova terra”, já na perícope imediatamente posterior (Ap 21,9-27), o anjo introdutório mostra ao vidente a mesma cidade (Ap 21,10), como se ele já não a tivesse visto momentos antes (Ap 21,1), demonstrando que a localização de Ap 21,1-8 está em desarmonia com o texto seguinte. Importante destacar que, em ambos os textos, o conceito de “novo céu e nova terra” é claramente extraído de Is 65,17 e 66,22 (Muñoz, 2007, p. 161; Pikaza, 2001, p. 244; Boring, 2008, p. 257; Mouce, 2013, p. 510; Pringent, 2022, p. 594; Vanni, 1997, p. 254-255; Vanni, 2018, p. 651), de 1Enoque 45,4-5 e de outros textos extrabíblicos (Mouce, 2013, p. 510; Pringent, 2022, p. 595; Koester, 2014, p. 769-778; Vanni, 2018, p. 655), para indicar a renovação do mundo

presente, voltada totalmente para a uma salvação universal (Molina, 2005, p. 621-645), em contraste com a corrupção das cidades imperiais, cujos benefícios não eram universais, mas seletivos. Não se questiona, portanto, a intertextualidade que é comum às duas perícopes, mas a posição e modo de introduzir o tema, que não parece seguir uma ordem natural e coesa.

Em relação ao todo do livro de Apocalipse, embora a coerência interna seja evidente (Pérez Millos, 2010, p. 1250-1277), a posição atual do texto de Ap 21,1-8 não parece coadunar com o restante da macroestrutura. No próprio paralelismo proposto na estrutura concêntrica, que em toda macroestrutura demonstra amplo grau de equivalência no vocabulário e na narrativa (Lund, 1955, p. 34-51), há uma acentuada dificuldade em inserir o texto de Ap 21,1-8 dentro do padrão literário da seção dos sete anjos não numerados (Ap 17,1-22,5), ao passo que a visão de Ap 21,1-8 se adapta bem a uma ausência conflitante da mesma seção, isto é, a omissão de uma visão esperada entre Ap 19,1-16 e Ap 19,17-21. O que resolveria tanto os problemas redacionais da atual posição do texto de Ap 21,1-8, quanto a ausência de uma visão esperada imediatamente após Ap 19,16. Uma análise mais pormenorizada dessa relação será feita no próximo tópico.

Em síntese, conclui-se que os problemas de constituição redacional no texto de Ap 21,1-8, provavelmente como reflexo do extenso processo de *cópia* e *recópia*, em razão de sua tardia recepção canônica (Gonzaga, 2021, p. 681-704), dificultam a sua posição no lugar em que atualmente se encontra. Nota-se que, até o presente momento da pesquisa, não existem indícios materiais para um deslocamento textual (Metzger, 1994, p. 688-690), mas que a partir da crítica literária (Meynet, 2016, p. 317-324) pôde-se obter bons resultados no sentido de recontextualizá-lo entre os textos de Ap 19,1-16 e Ap 19,17-21. A partir dessa hipótese, então, é que se pretende mais uma vez investigá-lo à luz desse novo, e possivelmente mais primitivo, contexto literário.

3.2. O texto de Ap 21,1-8 à luz da seção dos sete anjos não numerados (Ap 17,1-22,5)

Em razão dos problemas redacionais inerentes à posição atual do nosso texto, como se demonstrou, a questão de sua recontextualização nos leva a um novo paradigma, isto é, a sua relação com a macroestrutura de Apocalipse, tanto no nível da seção quanto no que diz respeito ao todo do livro (Lund, 1955, p. 177-183). Na crítica da constituição do texto, observou-se que os vários pontos de incoerência narrativa na posição atual de Ap 21,1-8 apontavam para problemas de caráter redacional, e que a ausência de um espaço narrativo entre Ap 19,1-16 e Ap 19,17-21 indicava uma possível posição primitiva para o texto.

Na análise da delimitação de Ap 21,1-8, no contexto sugerido, percebe-se que o contexto anterior próximo (Ap 19,11-16) se aproxima do nosso texto em aspectos importantes, sobretudo por mencionar a visão do “τὸν οὐρανὸν ἠνεφγμένον /céu aberto” em Ap 19,11, o que prepararia a visão da perícopa seguinte: “εἶδον οὐρανὸν καινὸν καὶ γῆν καινὴν/vi um céu novo e uma nova terra” (Ap 21,1) e “καὶ τὴν πόλιν τὴν ἁγίαν Ἰερουσαλὴμ καινὴν εἶδον καταβαίνουσιν ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἀπὸ τοῦ θεοῦ/vi também descer do céu, de junto de Deus, a cidade santa” (Ap 21,2); nos vv.3-4, fala-se deste lugar como habitação de Deus no meio dos homens (Muñoz, 2007, p. 161; Fiorenza, 1997, p. 151; Vanni, 1997, p. 259-260), a partir da ideia da *Sheknah* de YHWH (Mouce, 2013, p. 515), e traz o trinômio céu-terra-mar, para se falar do “mundo velho” e do “mundo novo” (Pisano, 2005, p. 183-201; Biguzzi, 2016, p. 355), do que existe e do que não existe, concluindo com o mar, “o elemento mais temível da criação” (Pringent, 2022, p. 597), mas este “não existe mais”. Esse contraste, naturalmente, perfaz o âmago da construção apocalíptica de Ap 21,1-8: o “novo mundo” de Deus supera o “velho mundo” de César (Aune, 2017, p. 1121), construindo assim uma imágica absolutamente subversiva e teológica, o cerne da Nova Jerusalém.

De fato, no contexto próximo anterior atual de Ap 21,1-8 não há menção à abertura do céu, embora o emprego do verbo “descer”, na expressão “καταβαίνουσιν ἐκ τοῦ οὐρανοῦ/descer do céu”

(Ap 21,2a) sugira a presença prévia de “τὸν οὐρανὸν ἠνεψυμένον/o céu se abrindo” (Ap 19,11a), e nesse aspecto os textos de Ap 19,11 e Ap 21,1-2 apresentam um estreito grau de aproximação lexical, o que do ponto de vista retórico aproxima os dois textos (Meynet, 2016, p. 183), além de fazer muito mais sentido do que um imediato contexto anterior com os temas de “morte”, “hades” e “lago de fogo”, como a posição atual do texto indica. De igual modo, a presença de um anjo introdutório, como ficou observado na análise da constituição, é esperada para a visão de Ap 21,1-8, mas em seu contexto atual está ausente. A posição imediatamente após Ap 19,11-16, não somente forneceria um contexto melhor ao introduzir a “abertura do céu”, como também identificaria um ser angélico para a visão, o montador do “cavalo branco” de Ap 19,11.

Por outro lado, a posição imediatamente posterior a Ap 19,17-21 entrelaça-se quase que harmonicamente com o final de Ap 21,1-8, uma vez que ambos fazem referência a um momento de juízo. Não é sem razão que o texto de Ap 19,18, em sua atual conjuntura, não consegue identificar as menções genéricas das: “carnes de reis, carnes de capitães, carnes de poderosos, carnes de cavalos e seus cavaleiros, carnes de todos os homens, livres e escravos, pequenos e grandes”. Ora, se o texto de Ap 21,1-8 originalmente estava em uma posição imediatamente anterior a Ap 19,17-21, o último versículo daquele explicaria as menções genéricas dos primeiros versículos deste: os reis, poderosos etc., cujas carnes devem ser comidas em Ap 19,18, são os “infiéis, corruptos e assassinos” de Ap 21,8. Nesse caso, os sintagmas de ambos os versículos aparecem em uma relação de atribuição, além de se constituírem sob uma sintaxe idêntica, um elemento típico da retórica semítica (Meynet, 2016, p. 189). Esse ponto, talvez mais do que qualquer outro, coloca em evidência a construção teológica absolutamente anti-imperialista que emerge das estruturas e sobreposições de Ap 21,1-8. O juízo escatológico é a representação da vitória sobre o mal da opressão imperial.

Em relação ao contexto da seção, a recontextualização de Ap 21,1-8 reajusta-se bem à sua nova posição na seção dos sete anjos não numerados, em Ap 17,1-22,5 (vide esquema da estrutura geral do livro no item 2.1 acima). De fato, a seção de Ap 17,1-22,5 dá mostras claras de possuir uma estrutura quiástica que organiza a posição dos anjos e das cenas de forma paralela ou em contraste (Meynet, 2012, p. 279). O paralelismo com a cena celestial em Ap 19,1-10, com a posição atual dos textos, está explicitamente ausente, mas a recontextualização apontada pela crítica da constituição reestabelece a relação, que em vários aspectos parece ser mais primitiva:

- A. Prostituta: Babilônia, a Grande (17,1-18);
- B. A idolatria da Babilônia e seu comércio (18,1-20);
- C. A Desolação Iminente da Babilônia (18,21-24);
/Uma cena celestial, “ouvi” (19,1-10);
- D. A Vinda do Senhor com a Igreja ao Julgamento (19,11-16);
/Uma Cena Celestial: “Eu vi” (21,1-8) (transposto);
- C'. Destruição da Besta e do Falso Profeta (19,17-21);
- B. Destruição do Dragão, Morte e Hades (20,1-15);
- A'. A Noiva: Nova Jerusalém (21,9-22).⁵

O primeiro ponto de equivalência a chamar a atenção é o tema da vindicação contra “τὸ αἷμα τῶν δούλων/o sangue dos servos”, em Ap 19,2; esse tema se repete em Ap 21,8, em um estreito paralelo com a consumação do julgamento dos “φονεῦσιν/assassinos”. Além disso, todo o julgamento genérico, mencionado em Ap 21,8, encontra uma clara especificação em Ap 19,2: Os “δειλοῖς καὶ ἀπίστοις καὶ

⁵ Osbone (2014, p. 675) diz estar inclinado a aceitar a posição de um quiasmo na seção que envolve Ap 17,1-20,15, mas que o texto não parece se harmonizar a tal estrutura. A proposta de Lund (1955, p. 177-178) possui o mérito de fornecer uma análise constitucional do texto, indicando que há vários elementos linguísticos que, de fato, estruturam os textos ao redor de um ponto concêntrico.

ἐβδελυγμένοις.../covardes, os infíeis, os corruptos ...” são as vítimas e súditos da “πόρνην τὴν μεγάλην ἡ τις ἔφθειρεν τὴν γῆν/Grande Meretriz que corrompeu a terra” (Ap 19,2). Desse modo, o texto de juízo com adjetivos genéricos, em Ap 21,8, que traz uma lista de oito membros (Pringent, 2022, p. 609-610), indicando uma situação “anti-Jerusalém” (Vanni, 1997, p. 271; Vanni, 2018, p. 662), só pode ser lido com maior objetividade a partir de sua sobreposição com Ap 19,2.

Outra equivalência importante entre os dois textos se encontra no *status* da noiva, mencionada em Ap 19,7: “ἡ γυνὴ αὐτοῦ ἡτοιμασεν/a esposa dele está pronta”, que se sobrepõe nitidamente com a condição da “Nova Jerusalém”, mencionada em Ap 21,2: “ἡτοιμασμένην ὡς νύμφην/preparada como uma noiva”. Ambos os adjetivos, “ἡ γυνὴ/a esposa” e “νύμφην/uma noiva”, estão no mesmo domínio semântico (Louw; Nida, 2013, p. 109-110); além disso, a esposa de Ap 19,8: “περιβάλλεται βύσσινον λαμπρὸν καθαρὸν/veste-se com linho puro, resplandecente”, semelhante à noiva de Ap 21,2, que “κεκοσμημένην τῷ ἀνδρὶ αὐτῆς/se enfeitou para seu marido”. De fato, as núpcias do Cordeiro e sua esposa (Ap 19,7-8), e o casamento da “Nova Jerusalém” com seu marido (Ap 21,1-2), estão em sobreposição semântica, o que mais uma vez reflete um importante elemento de sua retórica tipicamente judaica (Meynet, 2016, p. 185-186).

Por último, mas não menos importante, a equivalência narrativa e semântica entre os textos de Ap 19,1-10 e Ap 21,1-8 demonstra-se também na relação entre a expressão “οὗτοι οἱ λόγοι ἀληθινοὶ τοῦ θεοῦ εἰσιν/estas são as verdadeiras palavras de Deus”, mencionada em Ap 19,9 e, de forma bastante explícita, e a expressão “οὗτοι οἱ λόγοι πιστοὶ καὶ ἀληθινοὶ εἰσιν/estas palavras são fíeis e verdadeiras”, mencionada em Ap 21,5, uma “declaração solene de Deus” (Vanni, 1997, p. 267), por meio de seu “anjo intérprete”, a partir da “voz vinda do trono” (v.3). Quando essa equivalência é lida em seu contexto, a sobreposição narrativa fica evidente: em Ap 19,7 é dito que “ἦλθεν ὁ γάμος τοῦ ἀρνίου/estão para realizar-se as núpcias do Cordeiro”; enquanto em Ap 21,6, que contém a retomada de Deus (Vanni, 1997, p. 267-268) – como aquele “o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim”, depois da “voz vinda do trono” (v.3), na consumação da criação renovada, “γέγοναν/elas já se realizaram”, indicação feita no v.5. A relação entre o aoristo ativo de Ap 19,7 e o perfeito ativo de Ap 21,6 só pode ter sido traçada para criar um contraste proposital entre as “núpcias do casamento” e a “consumação da nova criação”.

Considerações Finais

Como se constatou no percurso da pesquisa, a delimitação interna do texto de Ap 21,1-8 não possui quaisquer problemas de ordem constitucional. Pelo contrário, a narrativa demonstra um alto grau de uniformidade literária, o que acentua a atividade retórica do vidente, que comunica sua experiência a partir de um padrão estético de narrativa, sobrepondo os elementos em um jogo intrincado de peças hermenêuticas. A posição do texto, por outro lado, demonstra certa imprevisibilidade narrativa, que pode ter surgido em razão dos problemas, já mencionados, de recepção interpretativa e tardia do livro. O longo processo de transmissão do texto pode, eventualmente, ter deslocado algumas de suas construções. Não há muitas certezas em constituição redacional, mas os resultados da pesquisa trouxeram alguns novos elementos que devem ser considerados em estudos ulteriores sobre Ap 21,1-8: as sobreposições são inegáveis, as relações semânticas patentes de mais para serem desconsideradas, e as relações retóricas demasiadamente visíveis aos olhos críticos.

Apocalipse está longe de ser um texto simples, pelo contrário, pois o conjunto de elementos literários que o constituem são como uma explosão de sentidos, imagens, beleza e vindicação, sendo transmitidos por intermédio de cada um dos sinais que o livro vai apresentando. Não há nada parecido na literatura bíblica ou judaica, que possa ser comparado com a mesma intensidade apocalíptica que se encontra no Apocalipse de João. Quando se precisou atribuir um nome ao gênero judaico que carregava todos os elementos presentes na antiga literatura enóquica, o nome escolhido foi justamente o do

Apocalipse; quando se questionou a canonicidade de seu *corpus*, o tempo foi suficiente para demonstrar o poder de sua riqueza literária e teológica. O percurso literário sobre as nuances da estrutura do livro não é de nenhum modo supérfluo, senão que constitui a base sobre a qual o intérprete deve alicerçar suas afirmações.

A crítica é fria, muitas vezes não muito conservadora, mas sua atividade guarda certa esperança de fé: aproximar-se o máximo possível das intenções primeiras do autor e de seu texto original, contando com o auxílio dos novos métodos das ciências da linguagem, como é o caso do método aqui empregado, a Análise Retórica Bíblica Semítica, um método sincrônico, juntamente com o Método Histórico-Crítico (diacrônico). Os resultados da presente pesquisa, no entanto, não emergem de um sentimento meramente positivista, mas de uma atitude de responsabilidade crítica e acadêmica. Não muito cética para desconsiderar a inspiração sagrada, nem muito conservadora para renunciar a uma aproximação exegética mais cuidadosa. A conclusão nasce dos resultados críticos: as estruturas ressaltam o caráter teológico de Ap 21,1-8, em antítese aos poderes imperialistas que emergem de seu contexto, proporcionando uma série de contrastes retóricos imprescindíveis à sua interpretação.

Referências

- ADRIANO FILHO, J. O Apocalipse de João como relato de uma experiência visionária: Anotações em torno da estrutura do livro. *RIBLA*, v. 34, 1999, p. 7-29.
- AUNE, D. E. *Revelation 17-22*, Volume 52C. Michigan: Zondervan Academic, 2017.
- AUNE, D. E. The apocalypse of john and palestinian jewish apocalyptic. *Neotestamentica*, v. 40, n. 1, p. 1-33, 2006.
- BAUCKHAM, R. *Climax of prophecy: Studies on the book of Revelation*. Londres: Bloomsbury Publishing, 1998.
- BEALE, G. K. *The book of Revelation*. Michigan: Eerdmans Publishing, 2013.
- BIGUZZI, G. *Apocalisse*. Nuova versione, introduzione e commento. Roma: Paoline, 2016.
- BORING, M. E. *Apocalisse*. Torino: Claudiana, 2008.
- CATCHPOLE, D. R. Source, form and redaction criticism of the New Testament. In: *A Handbook to the Exegesis of the New Testament*. Leiden: Brill, p. 167-188, 1997.
- COLLINS, A. Y. *The combat myth in the Book of Revelation*. Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2001.
- COLLINS, J. J. *Semeia 14 – Apocalypse: The morphology of a genre*. Missoula: Society of Biblical Literature, 1979.
- CORSINI, E. *O Apocalipse de São João*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- FIORENZA, E. S. *Apocalipsis. Visión de um mundo justo*. Pamplona: Verbo Divino, 1997. FIORENZA, E. S. *The book of Revelation: justice and judgment*. Minneapolis: Fortress press, 1998.

- GONZAGA, W.; ALMEIDA FILHO, V. S. Misericórdia: uma expressão do amor entranhado de Deus. Uma leitura linguística e teológica de Lc 7,11-17. *Pesquisas em Teologia*, v.3, n.6 (2020), p. 285-312.
- GONZAGA, W. A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento. *Perspectiva Teológica*, v. 52 (2021), p. 681-704.
- GONZAGA, W.; BELEM, D. F. A Vida segundo o Cristo compassivo e misericordioso. *Estudos Bíblicos*, 37/143 (2021), p. 127-143.
- GONZAGA, W.; BELEM, D. F. "O Pentateuco e os 'pentateucos' na Bíblia: uma abordagem canônica". *ReBiblica*, v. 3, n. 6 (2022), p. 247-277.
- GONZAGA, W. et alii. *Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio/Letra Capital, 2022.
- GONZAGA, W. et alii. *Palavra de Deus na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio/Letra Capital, 2023.
- KOESTER, G. R. *Revelation. A new translation with introduction and commentary*. The Anchor Yale Bible 38A. New Haven & London: Yale University Press, 2014.
- LIMA, M. L. C. *Exegese bíblica: teoria e prática*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- LOUW, J. P.; NIDA, E. A. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- LUND, N. W., *Studies in the Book of Revelation*. Chicago: Covenant Press: 1955.
- MAIUS, A. *Novum Testamentum Graece ex antiquissimo Codice Vaticano*. Spithöver, 1857.
- MAZZAROLO, I. *O Apocalipse. Esoterismo, profecia ou resistência?* Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2010.
- METZGER, B M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. 2ª ed. New York: United Bible Societies, 1994.
- MEYNET, R. *L'Analyse Retorica*. Brescia: Queriniana, 1992.
- MEYNET, R. A análise retórica. Um novo método para compreender a Bíblia. *Brotéria* 137 (1993), p. 391-408.
- MEYNET, R. I frutti dell'analisi retorica per l'esegesi biblica. *Gregorianum*, v.77, n.3 (1996), p. 403-436.
- MEYNET, R. *Rhetorical Analysis. An Introduction a Biblical Rhetoric*. Sheffield: Academic Press, 1998.
- MEYNET, R. *Trattato di Retorica Biblica*. Bologna: EDB, 2008.
- MEYNET, R. *Treatise on biblical rhetoric*. Leiden: Brill, 2012.
- MEYNET, R. La retorica biblica. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v.24, n. 65 (2020), p. 431-468.

MOUCE, R. H. *Apocalisse*. Introduzione e Commento. Chieti: GBU, 2013. MUÑOZ LEÓN, D. *Apocalipsis*. Desclée De Bruwer, 2007.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*, 28ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

NOGUEIRA, P. A. S. A linguagem do Apocalipse: Apontamentos para uma interpretação conectiva e polissêmica. *Reflexus*, v. 14, n. 2 (2020), p. 637-656.

OSBORNE, G. R. *Apocalipse: comentário exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

PÉREZ MILLOS, S. *Apocalipsis*. Barcelona: Editorial Clie, 2010.

PÉREZ MILLOS, S. *Apocalipsis*. Comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento. Grand Rapids: Zondervan, 2010.

PIKAZA, X. *Apocalipsis*. Pamplona: Verbo Divino, 1999.

PISANO, O. "E abiterà com loro" (Ap 21,3): La Gerusalemme nuova e la Shekinah. In BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis*. Percorsi nell'Apocalisse di Giovanni. Assisi: Cittadella, p. 183-201, 2005.

POHL, A. *Apocalipse de João II*. Curitiba: Esperança, 2001.

PORTIER-YOUNG, A. E. *Apocalipsis, contra o Imperio*. Teologías de Resistencia en el judaísmo antiguo. Pamplona: Verbo Divino, 2012.

PRINGENT, P. *O Apocalipse de São João*. São Paulo: Loyola, 2022.

RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.). *Septuaginta*. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 2006.

SWEET, H. B. (Ed.) *The Old Testament in Greek: According to the Septuagint*. Cambridge at the University Press, 1909.

TISCHENDORF, C. *Novum Testamentum Sinaiticum*. Lipsiae: F. A. Brockhaus, 1863.

VACCA, V. *L'Apocalisse*. Profezia per il presente. Napoli: Chirico, 2023.

VANNI, U. *Apocalisse di Giovanni*. Secondo Volume, a cura de Luca Pedroli. Assisi: Cittadella, 2018.

VANNI, U. *L'Apocalisse*. *Ermeneutica, Esegese, Teologia*. Bologna, 1997.

WEINRICH, W. C.; ODEN, T. C., *Apocalipsis*. La Bíblia comentada por los Padres de la Iglesia. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2010.

RECEBIDO: 31/08/2023
APROVADO: 28/09/2023

RECEIVED: 08/31/2023
APPROVED: 09/28/2023